

# O Conhecimento Novo e o Novo Conhecimento na Educação

## *New knowledge and new knowledge in education*

### **Luiz Henrique SORMANI BARBUGIANI**

Doutor e Mestre em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco da Universidade de São Paulo (USP)

Pós-graduado em Processo Civil, Mediação e Arbitragem pela Universidade de Salamanca

Graduado em Direito pela Universidade Estadual Paulista «Julio de Mesquita Filho» (UNESP)

Membro pesquisador do Instituto Brasileiro de Direito Social Cesarino Junior, Seção brasileira da «Société Internationale de Droit du Travail et de la Sécurité Sociale».

Procurador do Estado do Paraná

Fecha de recepción: 17 de octubre de 2017

Fecha de aceptación definitiva: 18 de octubre de 2017

As ideias, as palavras e as conjecturas de nada servem se não podemos aplicá-las em nossa vida prática! Com esse preconceito ou, melhor dizendo, com essa imagem preconcebida, muitas pessoas ainda, na contemporaneidade, encaram o conhecimento de qualquer tipo de matéria.

Podemos afirmar que alguns pensamentos oriundos de anos antes de Cristo, ou seja, desde muito tempo, demonstram profunda preocupação com a educação atrelada ao conhecimento. Nos é conhecida uma frase atribuída a Confúcio, que na obra *Os Analectos*, decorrência do material compilado por seus discípulos, relata que:

O Mestre disse: «Merece ser um professor o homem que descobre o novo ao refrescar na sua mente aquilo que ele já conhece» (Confúcio. Os Analectos. Trad. do inglês: Caroline Chiang. Trad. do chinês: D. C. Lau. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 68).

Não estamos aqui para elaborar uma pesquisa profunda sobre o pensamento de Confúcio, mas sim elucidar a partir de seus ensinamentos, correndo o risco de interpretá-lo de maneira peculiar e com todas as implicações subjetivas que interferem no pensamento humano por, no mínimo, três motivos:

- a) Confúcio, há muitos séculos, não se encontra entre nós para nos dizer o que realmente queria externar com a frase atribuída a ele;
- b) seus próprios discípulos podem ter-lhe reputado ideias que pertenciam mais a eles do que ao designado mestre;
- c) a sociedade em que vivemos, na atualidade, não é idêntica a de centenas de anos atrás, em que efetivamente viveu o filósofo.

Apesar de todos os problemas acima apontados, percebe-se que a frase atribuída a Confúcio pode nos levar a várias considerações, nos dias em que encontramos nossa sociedade atual, enumerando-se, dentre elas:

- a) a figura do professor é de grande importância em qualquer Estado, nação ou país, pois, caso contrário, não utilizaria do termo «merece ser um professor», pois quem «merece» algo é porque deve necessariamente ser agraciado com algum tipo de honraria;
- b) o merecimento demanda certa contrapartida por parte de quem «merece», visto que no caso dos professores é essencial que possuam anos de estudos e pesquisas apuradas em suas áreas de ensino e do saber, o que só se alcança em decorrência de um trabalho árduo;
- c) ao se utilizar o termo «um professor», por sua vez, projeta-se que devem existir vários profissionais sem os quais o ensino e a educação não conseguiriam se concretizar, nesse caso, obviamente que existem professores mais aplicados ou estudiosos do que outros, mas, em essência, trata-se aqui da carreira de um «tutor do conhecimento» e não dos professores enquanto seres individualizados, o que atrairia a utilização do artigo definido «o» e não do indefinido usado «um».

Algumas considerações ainda merecem ser feitas, principalmente em relação às necessárias adequações à era contemporânea, por exemplo, as palavras destacadas por Confúcio se referem ao designativo «homem», tendo em vista que, naquela época imbuída de preconceitos, muitas atividades eram restritas ao sexo masculino, porém, hodiernamente, não existem dúvidas de que tanto os homens têm o «direito-dever» de serem professores quanto às mulheres.

Se fala, nesse caso, em «direito-dever» pelo simples fato da atividade em si, além da profissão de relevância para qualquer Estado preocupado com a formação educacional de seu povo e com o desenvolvimento do país, não poder ser afastada de um dever inerente à função de regência de uma disciplina seja aos infantes, seja aos mais altos graus da universidade (graduação e pós-graduação).

Pergunta-se: Qual seria esse dever?

Na realidade, não se pode sintetizar esse mencionado dever num único ato, uma vez que se compõe de múltiplos elementos, sendo certo que dentre os inúmeros deveres de um «bom professor», podemos ressaltar exatamente o que disse Confúcio, ao declarar que «descobre o novo ao refrescar na sua mente aquilo que ele já conhece».

No trecho acima reproduzido podemos inferir duas ideias principais perfeitamente adequadas à nossa sociedade.

A primeira que o encargo de ensinar o que quer que seja a um povo exige muito conhecimento, já que para ser um professor o profissional deve possuir «conhecimentos» dos mais variados tipos a depender da matéria que irá ensinar.

A segunda e a mais importante ideia refere-se à descoberta de algo novo, «ao refrescar na sua mente aquilo que ele já conhece», impelindo os professores a pensar e repensar sobre tudo o que aprenderam e constantemente ensinam, englobando a contínua pesquisa para aprimorar dentro do conhecimento adquirido circunstâncias desconhecidas por eles e presentes na sociedade, como também reconstruir o conhecimento absorvido para o desenvolver a ponto de rever estereótipos, preconceitos e falsas verdades, que, muitas vezes, surgem como sofismas nessa seara.

A arte de ensinar não se encontra somente na reprodução das ideias e conceitos, mas aparece com maior intensidade na utilização desses elementos tendentes ao aprimoramento da educação e, conseqüentemente, de todos os membros de determinada nação.

Assim, sob o aspecto externado até o presente momento neste texto, devemos conceber que o conhecimento na educação não se encontra restrito ao mero aprendizado sobre o que desconhecemos em termos de disciplinas, tornando-se essencial que «o novo conhecimento» jamais impeça «o conhecimento novo», que exsurge dos esclarecimentos que adquirimos ao longo da vida, visto decorrerem de um aprimoramento natural de nossa compreensão acerca do mundo que habitamos, fruto do exercício reiterado de observação e lógica do pensamento, que acaba por gerar o supracitado «conhecimento novo», da mesma forma que se lapida um diamante bruto, dando-lhe um valor superior à matéria prima original.